

INTERAÇÃO ENTRE A CRIANÇA COM AUTISMO E O OUTRO NA BRINQUEDOTECA

Emilene Gomes Monteiro¹
Mestranda PPGE/CEUFES
emilenegmonteiro@hotmail.com

Ivone Martins de Oliveira
DTEPE/CE/UFES e PPGE/CE/UFES
ivone.mo@terra.com.br

Aprendizagem e Avaliação: Diagnóstico,
Planejamento e Gestão do Trabalho Pedagógico
Pôster de Pesquisa

Resumo: O presente trabalho versa sobre a análise dos modos de interação e intervenção do brinquedista estabelecidos com a criança com autismo, em uma brinquedoteca universitária. A análise dessas formas de interação e de intervenção se coloca como pertinente e necessária, posto que as particularidades desta criança configuram desafios para os profissionais que atuam com ela. Diante deste fato, nos indagamos sobre como criar condições que permitam à criança com autismo reconhecer o brinquedista como o outro com o qual ela pode interagir e brincar, no espaço de uma brinquedoteca. Com base no Referencial Teórico da Perspectiva histórico-cultural, o destaque ao papel do outro no desenvolvimento infantil contribui para análise desta temática. Trata-se de um estudo exploratório das formas de interação entre o brinquedista e a criança com autismo, que utilizou a observação participante como procedimento de pesquisa e, como instrumento de registro o diário de campo. Observou-se que a criança diagnosticada com autismo, quando incentivada a se inserir em um contexto social, como o da brinquedoteca mencionada neste estudo, pode interagir dentro do que se espera, desde que haja acolhimento, respeito e atenção às suas especificidades. A atenção às suas formas de comunicação, olhar atento, compreensão de suas necessidades, ações pontuais e paciência perseverante se configuram como diferenciais significativos, e que contribuem de maneira incisiva a este processo.

Palavras-Chave: Criança. Autismo. Brinquedoteca.

Introdução

A intervenção pedagógica junto a crianças com autismo se apresenta como um grande desafio para profissionais da área educacional, em decorrência de dificuldades que se configuram nos processos interativos, na comunicação com

¹ Pós-graduanda bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

a criança, na compreensão de seus percursos de desenvolvimento e na organização de estratégias e meios pedagógicos.

Estudos que enfocam a brincadeira da criança com autismo salientam a sua potência como recurso de inclusão desta criança, posto que possivelmente permite modos diferenciados de interação entre ela e as outras crianças (SUPLINO, 2007), além de possibilitar a exploração do uso de brinquedos e o desenvolvimento da imaginação, entre outros aspectos.

Assim, este estudo visa a analisar os modos de interação entre o brinquedista e a criança com autismo, em uma brinquedoteca universitária. Para isto, discute resultados de um estudo realizado na brinquedoteca, enfocando a relação entre um menino com autismo e a brinquedista.

Referencial teórico

Ao conviver com semelhantes, o sujeito realiza intercâmbios de informações, produz e edifica o seu conhecimento, na medida em que seu desenvolvimento psicológico e biológico lhe possibilita a tal feito. Segundo Vigotski:

A história do desenvolvimento das funções psicológicas superiores seria impossível sem um estudo de sua pré-história, de suas raízes biológicas, e de seu arranjo orgânico. As raízes do desenvolvimento de duas formas fundamentais, culturais, de comportamento, surge durante a infância: o uso de instrumentos e a fala humana. Isso, por si só coloca a infância no centro da pré-história e do desenvolvimento cultural. (VIGOTSKI, 1998, p.61)

Neste viés, o outro social se apresenta consideravelmente significativo para a criança que se encontra no ápice de seu desenvolvimento, mediando sua relação com o meio físico e social. Nesse percurso, a criança elabora hipóteses e sintetiza ideias sobre estes vínculos constituídos, transformando um processo interpessoal, em um processo intrapessoal. Ao abordar as funções psicológicas superiores no desenvolvimento da criança, Vigotski as distingue, em dois momentos:

Primeiro no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica). Isso se aplica igualmente para atenção voluntária, para a memória lógica e para a formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos. (VIGOTSKI. 1998, p.75)

Para o autor, a relação que a criança estabelece com o outro, com o meio físico e social e consigo própria é mediada pela linguagem. Conforme ressaltam Oliveira e Padilha (2016, p. 189), “a relação com o outro e a linguagem adquirem um papel primordial, permitindo as condições necessárias ao desenvolvimento de formas superiores de pensamento e ao controle da própria conduta por parte do sujeito”.

No que diz respeito à criança pequena, Vigotski (2008) chama a atenção para o papel que a brincadeira possui no desenvolvimento infantil. Através da brincadeira, paulatinamente a criança aprende a se conscientizar de suas próprias ações e adquire compreensão do ambiente físico e social no qual se encontra inserida. A brincadeira viabiliza à criança, sozinha ou em interação com outras crianças/pessoas, solucionar problemas, formular hipóteses em um pensar sobre si e sua intervenção no meio, favorecendo seu desenvolvimento como um todo (VIGOTSKI, 2008).

Na brincadeira, a criança está sempre acima da média da sua idade, acima de seu comportamento cotidiano; na brincadeira, é como se a criança estivesse numa altura equivalente a uma cabeça acima da sua própria altura. A brincadeira em forma condensada contém em si, como na mágica de uma lente de aumento, todas as tendências do desenvolvimento; ela parece tentar dar um salto acima do seu comportamento comum. (VIGOTSKI, 2008, p.35).

Neste aspecto, observa-se o caráter de iminência da brincadeira, que incita a emergência do desenvolvimento. Vigotski (1997) salienta que ao se referir às crianças com deficiência devemos olhá-las, assim como para o seu desenvolvimento, apoiando-nos nas mesmas leis que norteiam o desenvolvimento das demais crianças, princípios extensivos às crianças com autismo, as quais requerem a mediação do outro no processo de inserção no mundo da cultura, para que seu desenvolvimento cultural se consolide.

Martins e Góes (2013) ressaltam que a mediação do adulto pode viabilizar condições para o desenvolvimento de ações imaginativas por parte das crianças, posto que esse adulto lhes propicia a interação com o outro, e ainda desenvolve estratégias de exploração da utilização significativa dos objetos.

Neste viés, faz-se essencial ressaltar a relevância que a ação mediadora do outro, neste estudo configurado na figura do brinquedista, representa para este processo; ao visualizar aquilo que a criança consegue realizar sozinha, sem auxílio externo, ele pode criar situações e estratégias que permitam a ela, em colaboração, ir além do que já é capaz de realizar. Nesta ação, o outro se insere na brincadeira e contribui para a consolidação de potencialidades dessa criança.

Metodologia

Esta pesquisa versa sobre um estudo exploratório dos modos de intervenção do brinquedista na interação com a criança com autismo, numa brinquedoteca que possui uma proposta inclusiva. Segundo Piovesan e Temporini (1995, p. 321) “[...] A pesquisa exploratória, ou estudo exploratório, tem por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere.”

A investigação mencionada neste ensaio aconteceu em uma brinquedoteca universitária, que contempla crianças com e sem deficiência na faixa etária de três a seis anos, no período de março a julho de 2018. Constituiu-se por meio de observação participante de 15 sessões lúdicas, realizadas uma vez por semana, com a duração de uma hora. O material empírico coletado foi registrado em diário de campo.

A criança observada é proveniente da comunidade local e frequenta um centro municipal de educação infantil. É um menino de cinco anos de idade, atento ao que está à sua volta; demonstra potencial para interação. Interage com os adultos por meio da linguagem verbal, embora esta apresente algumas

peculiaridades. Costuma brincar com os adultos, mas pouco com outras crianças.

A brinquedista é bacharel em Psicologia, licenciada em Música e atualmente cursa Mestrado em Educação. Seu primeiro contato e atuação com crianças com autismo ocorreu com a criança foco deste estudo.

A análise da interação de ambos é o foco deste estudo.

Desenvolvimento

Como já foi ressaltado, este estudo buscou analisar os modos de interação e intervenção do brinquedista estabelecidos com a criança com autismo, em uma brinquedoteca universitária. Baseando-se na Perspectiva Histórico-cultural, Oliveira, Victor e Chicon (2016, p. 94) dão destaque à atuação do outro, no trabalho educativo orientado para essa criança:

[...] por meio de uma participação intencional e orientada na relação entre a criança com autismo e os objetos da cultura, pode colaborar na criação de condições propícias ao desenvolvimento de funções psíquicas e formas mais elaboradas de relação com esses objetos.

Na observação da criança com autismo, em uma fase inicial de brincadeiras com os brinquedos e com os seus pares na brinquedoteca, foi possível notar que esta criança, na maior parte do tempo, não interagia com os colegas. Por vezes manuseava os brinquedos de maneira não literal, ou seja, manipulava o carrinho, realizava movimentos em suas rodas e permanecia estática, observando-as em seu relance giratório. Outras vezes, começava e não finalizava a brincadeira, sinalizando necessidade da ação mediadora da pesquisadora para conseguir dar início, continuação e/ou término em alguma brincadeira. Em alguns momentos não escolhia nenhum dos brinquedos para brincar, e decidia se manter em movimentos circulares, ou retirado, nos cantos do ambiente, pelo presumível bem-estar alcançado com estas atividades.

Contudo, por meio da mediação da pesquisadora/brinquedista, em acompanhamento individualizado desta criança no grupo, se buscava estabelecer vínculos com ela, e também incentivá-la a interagir com os materiais lúdicos e com os colegas. Quando esta criança ou a situação permitia, utilizou-se modos de interação, que transitavam do individual para o coletivo e vice-versa.

Na análise do material coletado, um primeiro aspecto a destacar em relação à forma de mediação da brinquedista, diz respeito à atenção às formas de comunicação da criança. Esta se dava por meio da observação atenta e acolhedora da brinquedista à movimentação da criança, estimulação à fala desta, por meio de diálogos que visavam suas preferências, escuta atenta e sensível de suas produções verbais. A partir dessas ações, foi possível observar a busca de contato visual por parte da criança, o que ocorreu em alguns instantes; aproximação da brinquedista e condução pelas mãos até algo que esta visou alcançar. Além disso havia a entoação de trechos de canções infantis tendo como base fragmentos que a própria criança trazia, o que parecia ser prazeroso para ela. Desde modo, conseguiu-se estabelecer uma comunicação com esta criança e o presumível êxito no estabelecimento de possível vínculo com ela.

O segundo aspecto a mencionar no que tange aos modos de atuação da brinquedista, que favoreceram a interação e a brincadeira da criança, refere-se ao olhar atento para ela, à compreensão de suas necessidades, ações pontuais direcionadas a ela, tais como responder objetiva e claramente às suas perguntas, esclarecer e explicar cuidadosamente o porquê de um comando e/ou uma advertência, parabenização quanto à realização de uma ação esperada, demonstração de afeto e paciência perseverante. Compreende-se que estas ações se configuraram como diferenciais significativos, e que presumivelmente contribuíram de maneira incisiva a este processo.

Enfim, este estudo aponta, tal como destacado por Oliveira (2005), que a construção de “[...] um ambiente de respeito ao outro, de solidariedade e de

profunda crença e investimento nas capacidades e possibilidades de cada um [...] é essencial para o estabelecimento de relações favoráveis ao avanço no desenvolvimento de crianças com autismo, em situações de brincadeira.

Conclusões

Este estudo ressalta algumas especificidades nos modos de interação entre o brinquedista e a criança com autismo na brinquedoteca. Destaca a importância da intervenção do adulto na própria relação estabelecida com essa criança. Indica que em um contexto propício de interação, a criança com autismo possui condições de perceber o outro, interagir e se envolver com ele, com/no ambiente onde se encontram, além de demonstrar presumível afetividade por este, e possivelmente elaborar vínculos significativos. Na relação permeada pela brincadeira, este outro pode se inserir significativamente na vivência desta criança, e contribuir para seus processos de aprendizagem e desenvolvimento.

Referências:

MARTINS, A. D. F.; GÓES, M. C. R. Um estudo sobre o brincar de crianças autistas na perspectiva histórico-cultural. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 25-34, jan./jun. 2013. Disponível em:

<file:///C:/Users/user/Downloads/Brincar_da_crian%C3%A7a_autista_Alessandra_e_G%C3%B3es.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2018.

OLIVEIRA, I. M.; PADILHA, A.M.L. Crianças com autismo na brinquedoteca: modos de interação e de inserção nas práticas sociais. **Revista Comunicações**, Piracicaba v. 23 Edição Especial, 2016.p.185-202.

OLIVEIRA, I. M. Dimensão afetivo-emocional e relações de ensino. **Revista Faced**. Salvador, n. 9, 2005.

OLIVEIRA, I. M.; VICTOR, S. L.; CHICON, J. F. Montando um quebra-cabeça: a criança com autismo, o brinquedo e o outro. **Revista COCAR**, Belém, v.10, n.20, p. 73 a 96 – Ago./Dez. 2016.

PINO, A. S. A psicologia concreta de Vigotski: implicações para a educação. In: PLACO, V. M. N. S. (Org.). **Psicologia e educação: revendo contribuições**, São Paulo: Educ, 2000, p. 33-61.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Rita *apud* THEODORSON, G. A. & THEODORSON, A. G.(1995). **Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública.** Sítio Scielo Public Health
<http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0034-89101995000400010&script=sci_arttext&tlng=> Acessado em: 05 ago. 2018.

SUPLINO, M. H. F. O. **Retratos e imagens das vivências inclusivas de dois alunos com autismo em classes regulares**, 2007, 169s. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

TASSONI, E. C. M.; LEITE, S.A.S. Um estudo sobre emoções e sentimentos na aprendizagem escolar. **Comunicações**. • Piracicaba • Ano 18 • n. 2 • p. 79-91 • jul.-dez. 2011.

VIGOTSKI, L.S. **Obras Completas** tomo 5, Fundamentos de defectologia. Habana: Pueblo y Educación, 1997, v. 5.

VIGOTSKI, L. S.; COLE, M. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L. S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Tradução de Zóia Prestes. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, n. 8, p.23-36, jun. 2008.